

UMA SEPULTURA DA ANTIGUIDADE TARDIA EM QUINTELA DE LAMPAÇAS, BRAGANÇA

Francisco M.V. Reimão Queiroga

FLUP – UFP / CLEPUL
fqueiroga@letras.up.pt

Francisco Sá Reimão Queiroga

Mestre em Arqueologia pela FLUP
queiroga4@gmail.com

ABSTRACT

An archaeological survey carried out in an agricultural field located at Quintela de Lapaças, Bragança, led to the discovery of a Late Antiquity grave. The structure in which the burial is settled is made out of loose stones and clay building materials, and bears a rather unclear configuration that diverges from the known funerary models from this epoch. The dating proposed for the set is the second half of the Vth century AD, as suggested by the materials that are most suitable for dating, such as the pieces of Late *Terra Sigillata*. Amongst the pile of clay materials that made the covering of the grave was deposited one hammer during the funerary ritual. This hammer is of a known roman type, and is a unique find in the region, in addition to being found in a rather unusual context.

Keywords: Trás-Os-Montes; Late Antiquity; incineration grave; funerary ritual; roman tool.

RESUMO

A avaliação arqueológica realizada numa parcela agrícola em Quintela de Lapaças, Bragança, levou à descoberta de uma sepultura datável da Antiguidade Tardia. A estrutura na qual se situa o enterramento é composta por pedras e materiais cerâmicos, e apresenta uma configuração pouco clara, afastando-se dos modelos conhecidos de estruturas funerárias desta época. A cronologia proposta para o conjunto é a segunda metade do século V, com base nos materiais associados com datações mais precisas, nomeadamente as *sigillatas* tardias. No aglomerado de materiais que constituíam a tampa da sepultura foi depositado um martelo de tipologia romana bem definida, o qual constitui um achado único pelas suas características e enquadramento em contexto funerário.

Palavras chave: Trás-os-Montes; Antiguidade Tardia; sepultura de incineração; ritual funerário; utensílio romano.

1. INTRODUÇÃO E CONTEXTO

O objectivo desta curta notícia é o de divulgar os achados e as problemáticas decorrentes da escavação de uma estrutura arqueológica atribuível à antiguidade tardia, situada no lugar de S. Miguel, da freguesia de Quintela de Lapaças, concelho de Bragança.

No âmbito do processo de licenciamento da obra de construção de um edifício destinado a lar de idosos, em Quintela de Lapaças, foi imposta a avaliação arqueológica prévia por meio de sondagem, com fundamento no achado de alguns vestígios dispersos de “tégula e escória de ferro e cerâmica”¹, que apareciam à superfície do terreno.

O sítio arqueológico situa-se numa parcela agrícola até então votada a culturas de sequeiro, a qual está delimitada pelo estradão de acesso à capela de S. Miguel, na periferia sul da mancha urbana do povoado. O espaço envolvente à obra é dominado pelos relevos que contrafortam o maciço da Serra de Nogueira na direcção sul-sudoeste, aos quais pertence o cabeço do Alto dos Castelinhos, sobranceiro a Quintela de Lapaças. As encostas íngremes que ladeiam o cume, como o Alto das Vinhas, dão origem a cabeços e encostas de perfil mais suave, que se estendem para nascente, na direcção da linha de água do rio Azibo e do ribeiro seu afluente.

O local situa-se no esporão com encosta de pendor muito suave que conduz ao cabeço aplanado no qual se situa a capela de S. Miguel, e todo o seu lado sul confina com o estradão pavimentado. Esta parcela, e a que lhe está adjacente, são as únicas deste lado da encosta que estão ainda votadas às culturas de sequeiro, uma vez que as restantes se encontram plantadas com oliveiras e amendoeiras. Trata-se, portanto, de terrenos que são sujeitos a lavras periódicas, no decurso das quais é remexida a camada superficial da terra por charruas e escarificadores. Da mesma forma, o plantio das árvores com meios mecânicos resulta no revolvimento profundo dos solos. Ambas estas actividades contribuem para trazer à superfície evidências arqueológicas existentes no local, as quais são visíveis numa observação cuidada do solo.

A parcela apresentava boa visibilidade, com herbáceas rasteiras, e constatou-se que o terreno se encontrava ao nível do afloramento rochoso, o que se nos afigurou insólito, uma vez que se tratava de uma parcela agrícola, com lavras regulares. Foi, então, esclarecido pelos habitantes locais que pouco tempo atrás este terreno tinha sido alvo de uma decapagem da terra superficial, a qual foi transportada para o cemitério paroquial. Esta operação deixou marcas no terreno, as quais são bem visíveis na fotografia aérea (figura 2) registada antes do início da intervenção, e tendo como resultado mais sensível o facto de, na maioria do espaço, o substrato rochoso se encontrar à superfície.

Este sítio localiza-se numa região sobre a qual tem convergido comparativamente pouca atenção da investigação arqueológica no terreno, salientando-se, em ordem cronológica, os inventários realizados pelo Abade de Baçal (ALVES 1911; 1915; 1976), a realocização e avaliação dos sítios inventariados efectuada pela equipe do IPA em 2001, o estudo conduzido por Francisco Sande Lemos (1993) sobre a ocupação romana na região, e os projectos mais recentes da equipe da Associação Terras Quentes (LUÍS *et al.* 2013; SENNA MARTÍNEZ *et al.* 2017), e do Projecto da Barragem do Sabor. Não se baseando em intervenção no terreno, são ainda de destacar as sínteses de Redentor (2002 e 2017) sobre epigrafia, e os trabalhos de arqueologia contidos na obra colectiva editada por Fernando de Sousa (2019), por conterem elementos de inventariação e reavaliação actualizados.

No entorno de Quintela de Lapaças estão referenciadas algumas ocorrências arqueológicas, as quais documentam momentos de ocupação a partir da Idade do Ferro. Referimo-nos aos sítios denominados Castelo (CNS 17487; ALVES 1911; LEMOS 1993; NETO 1975), Poça (CNS 17490; ALVES 1911 e 1976;

1 Informação veiculada pelo Despacho da DRCN para a realização da avaliação arqueológica. O material referido deverá ter sido então recolhido, uma vez que na primeira visita ao terreno nada encontrámos à superfície.

LEMOS 1993; NETO 1975), e Terronha (CNS 17489; ALARCÃO 1988; LEMOS 1993), nos quais se detectam vestígios de ocupação enquadráveis na Idade do Ferro e na época romana, fornecendo, portanto, contexto habitacional de proximidade nesta área. Ressalva-se, contudo, que no espaço circundante ao sítio em apreço não foram detectados vestígios de ocupação, apesar da cuidadosa observação dos terrenos lavrados, e em particular em torno do cabeço onde se situa a capela de S. Miguel.

2. DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS

A proposta de intervenção constava na escavação de uma vala de sondagem com um metro de lado, com orientação perpendicular à via de acesso à capela de S. Miguel, e à fachada do edifício a construir, estendendo-se para o extremo nordeste do terreno.

Foi iniciado o trabalho, e a escavação dos escassos centímetros de terra que recobriam o substrato rochoso cedo revelou um conjunto de fragmentos de tégulas empilhados num espaço intersectado pela vala (figura 3), situado a cerca de 12 metros para norte do estradão, contexto que parece estar numa pequena depressão protegida pelo afloramento rochoso que o delimita pelo lado sul. Por outro lado, o restante espaço de sondagem não revelou quaisquer vestígios de materiais dispersos, nem mesmo em zonas de escorrimento. O extremo norte da vala de sondagem situa-se no limite nordeste da parcela, o qual apresenta as cotas mais baixas. Por se situar em zona de confluência de escorrimentos, em acréscimo de este local não ter sido afectado pelo desaterro acima referido (figura 2), não surpreendeu que a potência do nível de terra solta fosse aqui algo superior, rondando os trinta centímetros. Salientamos a potência modesta desta terra arável, sobretudo tendo em conta a utilização de lavras mecânicas com charrua, que tendem a aprofundar um pouco mais os remeximentos destes solos no decurso dos ciclos culturais.

Só após ter sido ultimada a avaliação do restante espaço da vala se entendeu concentrar a atenção na escavação do aglomerado de fragmentos de tégula e tijolo (figura 3) o qual formava um conjunto desordenado e sem conexão aparente entre as peças. Depois de retirada a camada superior do núcleo de tégulas começou a delinear-se o alinhamento do murete sul (figura 3), facto que obrigou a delinear metodologia de abordagem. Entendemos então como mais adequado não alargar desde logo a área de intervenção, para poder beneficiar da leitura do corte estratigráfico, pelo que se avançou com a decapagem.

Terminada a escavação da vala de sondagem, depois de atingida a rocha natural (figura 6), foi registado o único corte visível, o do lado sudeste (figura 8), e só então se alargou a sondagem no lado para o qual a ocupação se estendia. Desde logo surgiu a continuação das estruturas detectadas, continuando a um nível muito superficial, constatando-se que o nível do substrato rochoso subia um pouco de cota neste lado (figura 11), e delimitava o extremo sudeste da estrutura. Verificando-se que a estrutura estava circunscrita, e que não existia qualquer outro vestígio de ocupação no espaço limítrofe, deu-se por encerrada a intervenção.

3. ESTRUTURAS

Logo no início da intervenção surgiu um conjunto de pedaços de tégulas que estava agrupado num núcleo coeso, não se tendo verificado dispersão de fragmentos no espaço circundante, nem antes de iniciada a escavação, nem tampouco no seu decurso. Desta forma, descarta-se a interpretação possível de poder tratar-se do derrube da cobertura de uma construção, ganhando consistência a explicação baseada na intencionalidade do seu empilhamento.

Na parte superior deste aglomerado, e envolto entre os fragmentos de tégula, apareceu um martelo em ferro (figura 13), que abaixo se descreve em pormenor. Desde logo se começou a desenhar um alinhamento de pedras do lado sudoeste (figura 3), o qual rapidamente se clarificou (figura 5), sendo

composto por pedras frustes em xisto, não aparelhadas, fragmentos de tégulas e ladrilho. As pedras deste alinhamento composto de uma só camada, que talvez não merecesse a designação de murete, encaixam no afloramento xistoso que parece ter sido escavado para o efeito, assentando sobre uma camada de cascalho (figura 7) resultante dessa escavação. A primeira pedra do alinhamento no extremo noroeste encosta a uma saliência sobre-elevada do afloramento, que lhe está a um nível ligeiramente superior (figura 11), a qual parece fechar a estrutura deste lado. Este segmento é composto por cerca de meia dúzia de peças, sendo três delas materiais cerâmicos de construção (figuras 9 e 16), após o que o alinhamento se interrompe em esquadria, desviando para sudoeste cerca de 50 centímetros, e inflecte de novo em esquadria retomando o alinhamento anterior. Este segmento, que é quase paralelo ao primeiro, continua por cerca de um metro e então inflecte para nordeste, num alinhamento do qual só existem três pedras (figuras 9, 10 e 16), as quais parecem fechar a estrutura neste extremo sudeste. Este segmento mais recuado encontra-se protegido pelo afloramento rochoso, que junto a ele se sobreleva, tendo permitido a conservação de duas fiadas de pedras.

No extremo sudeste da estrutura, onde faltam pedras que definam claramente a sua delimitação, temos a marca bem recortada da escavação e afeição do substrato rochoso (figuras 9 e 11), que define o seu contorno.

Estando, portanto, definida a face deste murete, buscou-se a que lhe seria oposta, mormente após o momento em que ganhou consistência a hipótese de estarmos perante uma sepultura. Contudo, esta não apareceu, mas a configuração da rocha, que se encontrava afeiçãoada numa ligeira depressão alongada (Foto 19), indicou que este murete não existia.

Após a conclusão da escavação da vala de sondagem, alargou-se a mesma na direcção das estruturas visíveis, para sul, com o objectivo de as avaliar. Neste alargamento surgiu desde logo o murete oposto ao do lado poente, o qual corroborou a interpretação desta estrutura. Contudo, da mesma forma que este murete aparecia logo desde o corte, também o murete do lado poente desaparece no mesmo (figura 11), alargando-se assim o espaço interior da estrutura. Na esquina sudoeste temos uma pedra que fecha o alinhamento, fazendo ângulo para nordeste, mas o alinhamento cedo termina. Contudo, a rocha apresenta nivelamento indiciador do apoio deste murete, que corre para nascente, e após o que seria a sua face interior, o afloramento está escavado em declive, documentando, portanto, a configuração desta estrutura já desaparecida.

4. ESTRATIGRAFIA

A sequência estratigráfica é compreensivelmente reduzida, em virtude do desaterro a que o espaço foi sujeito, mas tendo em mente que a terra daqui removida correspondia à camada arável e, portanto, foi revolvida pela maquinaria agrícola. A estrutura escavada encaixa-se numa ligeira depressão que parece ter sido criada intencionalmente no substrato de xistos, e na qual se registaram as camadas estratigráficas que a seguir se descrevem.

Estrato 1 - Ao longo de toda a sondagem a estratigrafia é composta por uma camada uniforme de terra, e possui mais potência no lado nordeste da sondagem, pelas razões acima referidas. A camada de terra superficial, remexida pelas lavours, é de tonalidade acastanhada clara, argilosa e com inclusões de gravilha pétrea, e assenta directamente sobre o substrato rochoso. Esta camada está presente em toda a área intervencionada, mas as camadas seguintes reportam-se apenas ao espaço da estrutura escavada.

Estrato 2 - Bolsa localizada na parte média da estrutura, e com pouco escorrimento lateral. Composta por uma densa acumulação de materiais de construção de época romana, mormente tégula, tijolo e algum ímbrice, associados a terra argilosa de cor clara e com manchas laranja/avermelhado, coloração que parece ser resultante da degradação dos materiais cerâmicos. Junto com os materiais

cerâmicos jaziam abundantes fragmentos de xisto negro, ou lousa, rocha que é exógena desta área. A coloração dos materiais contaminou a terra na sua proximidade, contribuindo para uma coloração mosqueada (figura 8), visível no decurso da escavação. Com efeito, a coloração bege-amarelada dos fragmentos de xistos provenientes do substrato do local, contrastam com o avermelhado dos materiais cerâmicos, conforme se verifica no corte estratigráfico. Na parte superior desta bolsa, e junto ao corte da sondagem, apareceu o martelo em ferro, envolto por fragmentos de tégula.

Estrato 3 - Terra argilosa, de tonalidade castanho/acinzentado, com muita gravilha (figuras 4 e 9) e extremamente compactada, situada debaixo do estrato 2. De resto, esta compactação dificultou a escavação e provocou a fragmentação das peças cerâmicas durante a sua exumação. A gravilha apresenta uma composição multifacetada, com xistos, quartzitos, raros granitos, e uma rocha sedimentar de tonalidade esverdeada que não sabemos classificar. Os materiais, e mormente as pedras, apresentam uma disposição errática, por vezes em posição oblíqua, facto que indicia a sua deposição simultânea com terra.

Estrato 4 - Situado debaixo do estrato 3, é uma bolsa de terra extremamente concrecionada, de cor escura e com aspecto untuoso, misturada com carvões meteorizados e algum areão. Situa-se apenas no extremo noroeste da estrutura (figuras 5 e 18), apresentando contornos circulares, e não continha espólio associado. Pelas suas características, interpreta-se este contexto como sendo vestígio de cremação.

Estrato 5 - Camada argilosa, de tonalidade castanho/acinzentado, composto maioritariamente por gravilha extremamente compactada, em tudo semelhante ao estrato 3. Este estrato assenta directamente sobre o substrato rochoso, não excede os cinco centímetros mesmo nas zonas de maior potência, e nele não foi encontrado qualquer espólio. Parece corresponder à regularização do nível rochoso por meio de pico, e a sua composição resulta deste processo.

Em virtude do observado, recordamos algumas evidências que poderão ajudar a entender estes contextos.

Não apareceu qualquer material na bolsa designada como estrato 4, mas apenas na camada que a recobria: o estrato 3. Este material encontrava-se fragmentado e disperso pelo contexto referido. Acresce ainda a circunstância de as peças se encontrarem incompletas, o que reforça a presunção que estaremos perante uma deposição secundária. A terra com os materiais associados terá provindo de outro local e foi espalhada pelo interior da estrutura até ao seu preenchimento no nível do alinhamento de pedras. Fundamentamos esta interpretação no facto de os fragmentos de um dos vasos (figuras 15 e 20- nº 1, MDDS 2019.5003) se encontrarem dispersos sobre o estrato 3 (figura 4) e no extremo noroeste da estrutura.

Desta forma, interpretamos da seguinte forma o processo arqueológico, no que se reporta à estratigrafia. Aquando da construção da estrutura, o substrato rochoso foi afeiçoado e aplanado, tendo resultado desta acção uma fina camada de esquirolas de pedra e terra, a qual foi aplanada e deixada no local, dando origem ao que se designou como estrato 5.

Sobre este contexto foi depositado o material resultante de um processo de incineração, composto por terra com abundantes inclusões de carvão bastante desagregado, colocado no lado noroeste da estrutura, e cuja dispersão formou uma mancha de contorno sub-circular, a qual forma o que designamos por estrato 4.

Sobre este estrato foi lançada uma camada de terra com uma mistura anormalmente eclética de cascalho, e pedras de dimensões médias, provenientes de distintos contextos geológicos, naturalmente misturados com fragmentos de materiais cerâmicos de construção, e as peças abaixo enumeradas. Nele se notam alguns raros carvões, mas a variação da associação dos materiais que o formam, mormente os de construção, faz com que este estrato possa apresentar ligeiras variações de coloração e composição no espaço. O pormenor porventura mais uniforme deste estrato é a sua elevada compactação, que

colocou dificuldades à escavação e à remoção dos materiais cerâmicos, mormente as *sigillatas*, que se encontravam particularmente fragilizadas.

Finalmente, este estrato terá sido selado por um amontoado de fragmentos de materiais cerâmicos de construção, com epicentro na mancha do estrato 4. Este amontoado circunscreve-se ao espaço delimitado pela estrutura pétrea, e não se estende para sudoeste muito além do corte da vala de sondagem inicial (figuras 3, 8 e 9), razão pela qual o associamos inequivocamente ao recobrimento da mancha de carvões designada como estrato 4. Desta forma também se interpreta a presença do martelo neste contexto como resultante de deposição intencional, na cobertura da sepultura (BLAIZOT et al. 2009: pp. 170-2), neste caso formada por um amontoado de peças reutilizadas.

5. ESPÓLIO

No decurso da escavação foram exumadas algumas peças arqueológicas², as quais se revelam de suma importância para o entendimento da estrutura, e igualmente para a definição da sua cronologia e problemáticas.

— Martelo em ferro (figuras 13 e 19, MDDS 2019.5001) com as seguintes dimensões máximas: 240 mm de comprimento, 63 mm de largura, e 43 mm de espessura. Pesa 1469 gramas. Um dos extremos apresenta secção sub-circular com duas faces alinhadas paralelas, enquanto que o extremo oposto se encontra afilado no sentido perpendicular ao do cabo, terminando com superfície romba. O olhal é redondo, e bem reforçado pelas paredes laterais que o ladeiam e rematam em carena angulosa, bem saliente, criando um perfil “em diamante”. Os dois extremos apresentam rebarbas laterais, indicadoras do stress sobre o material decorrente dos impactos na sua utilização, o qual provoca deslocamentos do metal sob a forma de rebarbas laminadas.

Trata-se de um magnífico exemplar de martelo do Tipo 2 de Hanneman³ (2014: Abb 362), com dimensões médias elevadas face aos exemplares conhecidos (HUMPREYS 2018: Table 71) cuja função tem sido atribuída ao trabalho de forja. O seu peso classifica-o como uma eficiente peça de percussão, mas a extremidade afilada é demasiadamente romba para a função de corte, o que o afasta do modelo de cinzel de corte, com cabo, utensílio que é muito comum nas esta forma tem sido atribuída ao trabalho metalúrgico (HUMPHREYS 2018: pp. 176-8), igualmente registado para esta tipologia de utensílio, sugestão que seria apoiada pela notícia do achado de alguns fragmentos de escória metalúrgica à superfície do espaço circundante. Não enjeitando esta classificação, que é dominante na bibliografia da especialidade (MANNING 1985: pp. 5-6), deixamos, contudo, em aberto a possibilidade de se tratar de um martelo de pedreiro assentador, modelo particularmente adequado ao afeiçoamento e ao talhe das peças em xisto, função para a qual o seu extremo transversal, mais afilado, se revela adequado. A sua tipologia, sendo comparativamente bem conhecida na bibliografia arqueológica europeia, é inequivocamente apoiada pelos materiais que lhe estão associados neste contexto arqueológico particular.

— Perfil completo de taça em *Terra Sigillata* Hispânica tardia (figuras 14, e 20- nº 4, MDDS 2019.5002), produção do Vale do Douro. Trata-se de uma peça decorada com impressões em gomo oblongo, apresentando um diâmetro no bordo de 85 mm, e a altura de 84 mm. A pasta está muito degradada e fragilizada, pois estava recoberta com terra muito concrecionada nas superfícies, resultado das pressões a que foi sujeita no decurso da deposição. Trata-se da forma Paz 86 (= Paz 6.5), uma imitação da Hayes 73A, datável a partir de *circa* 430.

2 Todo o espólio referido foi tratado e conservado no Museu D. Diogo de Sousa, onde se encontra depositado. Na sua identificação (figuras 19 e 20) referimos os respectivos números de inventário. Aproveitamos para registar este facto, e manifestar o nosso reconhecimento à Dra. Maria José de Carvalho e Sousa, pelas facilidades concedidas no estudo e na conservação destas peças, bem como aos técnicos do museu pela sua sempre amável solicitude.

3 Não se nos afigurando pertinente, no âmbito deste estudo, valorizar os detalhes que fundamentam a quase micro-análise tipológica realizada por Gaitzch (1980: pp. 72-102, abb. 9 e 10).

— Bordo com pança decorada com caneluras horizontais (figuras 15 e 20- nº 1, MDDS 2019.5003), *Terra Sigillata* Hispânica tardia, produção do Vale do Douro, tendo um diâmetro no bordo de 65 mm. A pasta está muito degradada e fragilizada, coberta com terra muito concrecionada nas superfícies. Forma Hispânica 5 (= Paz 6.4) com cronologia entre *circa* 350 a 450.

— Fragmento de *Terra Sigillata* Hispânica tardia (figuras 16 e 20- nº 3, MDDS 2019.5004), produção do Vale do Ebro, com pasta muito degradada e fragilizada, coberta com terra muito concrecionada nas superfícies. Apresenta decoração moldada com motivo em grandes círculos. Forma Hispânica 37 tardia, com cronologia de *circa* 400-500.

— Pequeno fragmento de *Terra Sigillata* Hispânica tardia (figuras 16 e 20- nº 2, MDDS 2019.5004), produção do Vale do Ebro, com pasta muito degradada e fragilizada, coberta com terra muito concrecionada nas superfícies. Apresenta vestígio de decoração estampilhada, com roseta. Forma Hispânica não identificável, com cronologia de *circa* 400-500.

— Fragmento de bordo de vaso de forma indeterminada (figura 16), de produção regional, indiciando tratar-se de uma forma aberta, tipo talha, com bordo curto e pouco esvasado. A coloração do cerne e do colo é alaranjada, mas as superfícies exteriores da aba do bordo são quase negras, indiciando a sua serventia para cozinhar ao lume. A pasta é muito bem cozida, com percentagem anormal de desengordurante quartzítico, de calibre muito irregular e com grandes grânulos que emergem à superfície.

— Pequeno fragmento de pança (figura 16) de uma peça de produção regional de forma indeterminada. A pasta é alaranjada, de coloração uniforme, com boa cozedura, tendo um desengordurante quartzítico, de calibre muito irregular e com grandes grânulos que emergem à superfície.

— Fragmento de fundo de vaso (figuras 17 e 20- nº 5, MDDS 2019.5004), possivelmente de talha pequena, de produção regional, apresentando o diâmetro do fundo e o perfil aproximado até à parte média da pança. A pasta é de fabrico grosseiro, com muito desengordurante quartzítico que sobressai na tonalidade alaranjada da superfície. No interior notam-se várias caneluras horizontais, resultantes da montagem da peça na roda. A cozedura é boa, conferindo bastante dureza ao vaso.

A estes materiais se juntam duas pequenas esquirolas de osso muito desagregado, que não é possível classificar, nem tampouco inferir se será proveniente de animal ou de humano.

6. PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO DOS CONTEXTOS

A análise geral da estrutura em apreço permite ressaltar alguns pormenores que são relevantes para a sua interpretação funcional. Em primeiro lugar fica claro que o substrato rochoso foi afeiçoado por forma a receber os alinhamentos de pedras. Estes, são compostos por materiais diversos, e mesmo inapropriados para o fim a que se destinam, facto que indica que esta construção recorreu a materiais avulsos, reutilizados, e não preparados expressamente para o efeito. A estrutura é composta por alinhamentos irregulares de pedras cuja face está claramente voltada para o seu interior (figura 18), sendo a face oposta de contorno muito irregular. Temos, portanto, um suposto murete, ou segmentos de murete, com apenas uma face, voltada para o interior do conjunto, facto que descarta liminarmente a possibilidade de se tratar do resto destruído de um muro, o qual teria inevitavelmente duas faces e uma maior solidez ao nível do alicerce. No conjunto, estes alinhamentos de pedras formam um espaço de configuração sub-quadrangular muito irregular (figura 18) do qual emerge um alinhamento de pedras, para noroeste, ao lado do qual serão depostos os materiais funerários.

A configuração do espaço funerário terá sido criada de raiz, como acima se argumentou, o que acrescenta à individualidade deste caso, cuja irregularidade de planta só encontra paralelo numa sepultura do Mozinho (ALMEIDA 1975: p. 33, foto 3) que apresenta um nicho lateral. Preferimos não dissertar sobre a questão da configuração deste espaço funerário, que talvez mereça alguma sedimentação, e vir a ser posteriormente abordada em trabalho com outro enquadramento teórico e metodológico.

Como acima se referiu, o núcleo de tégulas associado à estrutura não apresentava sinais de qualquer dispersão, antes mostrando um perfil levemente cónico que aponta para o seu empilhamento sobre o espaço do enterramento, e com a função acessória de albergar o martelo.

O facto de não se conhecerem evidências de ocupação na imediação próxima deste local levanta a questão, de resto muito discutida (CLEARY 2015) da localização dos enterramentos, ora situados na periferia dos núcleos habitados, ora na proximidade das vias, mas igualmente casos de aparente dispersão na paisagem. No presente caso não dispomos de elementos de referência além dos pólos de ocupação conhecidos no espaço circundante, e com presunção de ocupação na época à qual se reporta a sepultura. Dentre estes, salientamos o sítio da Terronha, no monte sobranceiro a norte de Quintela de Lampaças, pela sua localização um povoado de origem indígena, mas na época em apreço naturalmente romanizado, e no qual apareceu uma epígrafe funerária (ALVES 1934: pp. 74-5; 1976; RODRÍGUEZ COLMENERO *et al.* 1997: pp. 257-8; LEMOS 1992: pp. 121-2; LOPO 1987: pp. 17-8; REDENTOR 2002: pp. 80-1), agora depositada no Museu Abade de Baçal. A este exemplo se acrescenta o que parece ser uma ocupação de tipo agrário, de resto já conhecida há muito (ALVES 1934: p. 493; LEMOS 1992: pp. 122-3; NETO 1975: p. 204) designada como Poça, situada num alvéolo criado por uma linha de água a cerca de 700 metros para noroeste da povoação. Bastante mais distante, mas ainda na zona de influência, fica o povoado de origem indígena denominado “castelo”. Situa-se um pouco a sul de Pombares, separando-o física e visualmente de Quintela de Lampaças o relevo de Alto dos Castelinhos, onde se situa a Terronha.

Resta saber se esta sepultura ficaria junto ao traçado de algum caminho, receamos chamar-lhe via no sentido clássico do termo, de comunicação entre localidades habitadas da região, temática que continua pouco conhecida a esta escala.

O martelo, que se assume como o elemento mais relevante dentro dos materiais exumados, tem uma tipologia clara no quadro da utensilagem tradicional do mundo romano, mas a sua ocorrência é rara no país, não sendo referido nenhum outro exemplar semelhante na bibliografia consultada. Os exemplos conhecidos afectos às actividades mineiras na região (ALMEIDA 1973; WHALL-CLERICI 2020) são sistematicamente do tipo martelo-pico, bem assim como os encontrados em Conímbriga (ALARCÃO – PONTE 1979: p. 29). Apesar de os exemplares de Conímbriga se aproximarem da forma “em diamante” no perfil do olhal de encabadouro, a forma difusa do seu contorno aproxima-os mais de outros modelos (HANNEMAN 2014: Abb 362, typ 8), pelo que é manifesta a sua diferença tipológica face ao exemplar de Quintela de Lampaças. Em acréscimo, esta peça apresenta uma semelhança clara com modelos europeus (cf. *supra*), fundamentando a suspeita de se tratar de um utensílio importado, ou trazido pelo seu proprietário.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados e observações exposto acima fundamentam a hipótese de estarmos perante uma estrutura funerária de cremação. O momento está comparativamente bem ilustrado pela presença dos materiais de importação que, no seu conjunto, nos oferecem um *terminus post quem* para o sepultamento, que não será anterior a 430, presumindo igualmente, pela cronologia do conjunto, que também não deverá ser muito posterior, podendo gravitar pela segunda metade do século V.

A deposição de utensílios em sepultamentos é um fenómeno raro no quadro dos rituais funerários do mundo romano⁴, pormenor que acresce ao interesse que a complexidade deste contexto nos suscita. Por outro lado, a associação inequívoca, e em contexto de contemporaneidade, com os materiais cerâmicos, indica a longa sobrevivência desta tipologia de utensílio na região, bem assim como a interessante perduração do ritual de cremação nesta época tão tardia.

4 Agradecemos a Emma Durham e Owen Humphreys alguns comentários e sugestões sobre o enquadramento tipológico e funcional do martelo acima referido, bem assim como sobre a ausência de utensilagem em contextos funerários da época em questão.

O conjunto do mobiliário contido na sepultura sugere ter pertencido a um artífice, mais provavelmente um ferreiro ou pedreiro, sendo que nos parece suficientemente expressivo o depósito do martelo na camada de fecho do sepultamento, enquanto instrumento que era fundamental no exercício de qualquer uma das duas profissões. Segundo esta interpretação dos dados arqueológicos, estaremos perante um segundo momento, ou prolongamento, do conjunto votivo de ofertas que teriam lugar no *ustrinum*, e está documentado pelas cerâmicas fragmentadas, depositadas sobre a mancha circular correspondente às cinzas. Este elemento introduz novas achegas à gramática ritual dos processos funerários com cremação (BLAIZOT *et al.* 2009: pp. 164-70), mormente pela raridade do depósito de instrumentos em sepultamentos. Evocamos, a propósito, o designado machado, recolhido na necrópole da Retorta, em Boliqueime, por Estácio da Veiga (Inventário 2017, 438, nº 288), peça que, na essência, é um alvião, utilizado em tarefas de corte de madeira associadas a escavação, como o desmonte de raízes de árvores, o que a afasta do modelo bélico que chegou a ser aventado. Ressalvando o facto de a proposta de datação desta peça da Retorta apontar para o século VI-VII (cf. *supra*), portanto um pouco mais tardio do que o contexto que aqui apresentamos, e tendo ainda em mente que a “germanização” deste interior transmontano terá sido mais lenta e tardia, enquanto espaço de periferia, cremos estar em presença de indícios de transição dos modelos funerários tradicionais do Baixo Império. Argumentamos que estes elementos ainda se situarão na categorização de hispano-romana (AREZES 2017: p. 424), não transparecendo ainda claros indícios de “germanização” da gramática funerária, mas a raridade tanto dos paralelos deposicionais como do utensílio podem sugerir a presença de um artífice migrante⁵, que trouxe consigo práticas diferentes. Com efeito, os sepultamentos do Baixo Império podem documentar alguma mobilidade inter-regional, de gente provida dos vários cantos do império (PEARCE 2015: p. 2, com refs.) através da configuração dos sepultamentos e dos seus mobiliários. Este poderá ser um desses casos, se atendermos aos pormenores mais diferenciadores contidos no caso em apreço. Estamos convictos que poderá constituir mais uma achega ao notável reportório de variabilidades regionais das práticas funerárias do baixo império (PEARCE 2015: p. 4), decorrentes do diálogo com os tecidos culturais indígenas, e mesmo com os migrantes do império, produzindo assim expressões de individualidade cultural patentes nas práticas que se vão redesenhando em cada uma das regiões culturais.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Adília Moutinho; PONTE, Salette da (1979), Les métiers et leur outillage. In *Fouilles de Conímbriga*, vol. VII, *Trouvailles diverses - conclusions générales*. Paris: De Boccard, pp. 13-84.
- ALARCÃO, Jorge de (1988), *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips, 1988. 4 vols.
- ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1973), Aspectos da mineração romana de ouro em Jales e Trêsminas (Trás-os-Montes). *XII Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, Universidad de Zaragoza, pp. 553-62.
- ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1974), *Escavações no Monte Mozinho (1974)*. Penafiel.
- ALVES, Francisco Manuel (1911), *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*. Porto: Emp. Guedes.
- ALVES, Francisco Manuel (1915), Estudos arqueológicos do Major Celestino Beça. In *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 20, Lisboa, pp. 74-106.
- ALVES, Francisco Manuel (1976), *Guia Epigráfico do Museu Abade de Baçal*. Bragança: Escola Tipográfica, p. 96.
- AREZES, Andreia C.M. (2017), O mundo funerário visigótico no território louletano: sítios, práticas e materiais. *Loulé: territórios, memórias, identidades*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 418-425.

5 Utiliza-se a terminologia no sentido da deslocação de cidadãos dentro do espaço do Império Romano

- AZEVEDO, Pedro A. de (1898), Extractos archeológicos das “Memórias Parochiaes de 1758”. In *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 4, Lisboa, pp. 135-153; pp. 245-253; pp. 315-329.
- BLAIZOT, Frédérique; BEL, Valérie; BONNET, Christine; GEORGES, Patrice; RICHIER, Anne (2009), Les pratiques postcrématoires dans les bûchers. In BLAIZOT, Frédérique (edit.), *Pratiques et espaces funéraires dans le Centre et le Sud-Est de la Gaule durant l'Antiquité*. Gallia, 66 (1), pp. 151-174.
- CARDOZO, Mário (1954), A propósito da lavra do ouro na província de Trás-os-Montes durante a época romana. *Revista de Guimarães*, 64 (1-2), pp. 113-41.
- CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO (2017), *Loulé: territórios, memórias, identidades*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 428-447.
- CENTENO, Rui M.S. (2005), Para uma valorização do património arqueológico do distrito de Bragança. Algumas reflexões. In RODRIGUES, Luís Alexandre (edit.), *Seminário Internacional O Património Histórico-Cultural da Região de Bragança/Zamora*. Porto, CEPESE, pp. 139-144.
- COSTA, António Carvalho da (1868-69), *Corografia portuguesa e descriçam topografica do Reyno de Portugal*. Vol. 1, Braga (2ª ed.)
- COSTA, Américo (1948), *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*. Porto, Livraria Civilização.
- EDWARDS, Catharine (2007), *Death in Ancient Rome*. New Haven, Yale University Press.
- HOPE, Valerie M. (2007), *Death in Ancient Rome*. London, Routledge.
- HANEMANN, Bärbel (2014), *Die Eisenhortfunde der Pfalz aus dem 4. Jahrhundert nach Christus*. Speyer, Forschungen zur Pfälzischen Archäologie Band 5.
- HUMPHREYS, Owen James (2018), *Craft, Industry and Agriculture in a Roman City: The Iron Tools from London*. Reading, University of Reading (polic.).
- LEMOS, Francisco Sande (1993), *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Braga: Universidade do Minho, 6 Vols.
- LOBATO, Maria José F. (1995), A necrópole romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia). *Portvgalia*, Nova Série, 16, Porto: FLUP, pp. 31-110.
- LOPO, Albino dos Santos Pereira (1987), *Apontamentos Arqueológicos*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- LUÍS, Elsa; REPRESAS, Jessica; MENDES, Carlos (2013), A actividade arqueológica no concelho de Macedo de Cavaleiros; uma retrospectiva do século XX. *Cadernos Terras Quentes*, 10, pp. 61-74.
- MANNING, William H. (1985), *Catalogue of the Romano-British Tools, Fittings and Weapons in the British Museum*. London: British Museum Press.
- NETO, Joaquim Maria (1975), *O Leste do Território Bracarense*. Torres Vedras, A União, p. 371.
- PAZ PERALTA, Juan Ángel (2008), Las producciones de terra sigillata hispánica intermedia y tardía. In BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA i LACOMBA, A. (eds.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz, Universidad de Cádiz, pp. 497-539.
- PEARCE, John (2015), Burial, society and context in the provincial Roman World. In PEARCE, John; MILLETT, Martin; STRUCK, Manuela (edits.), *Burial, Society and Context in the Roman World*. Oxford: Oxbow Books, pp. 1-12.
- PHILPOTT, Robert (1991), *Burial Practices in Roman Britain – A survey of grave treatment and furnishing AD 43-410*. Oxford, British Archaeological Reports, British Series 219.
- REDENTOR, Armando (2002), *Epigrafia Romana da Região de Bragança*. «Trabalhos de Arqueologia» 24, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- REDENTOR, Armando (2017), *A cultura epigráfica no Conventvs Bracaravgstanvs (Pars Occidentalis): percursos pela sociedade brácara da época romana*, 2 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, António; AIRES, Firmino; ALCORTA, Enrique (1997), *Aqvae Flaviae I. Fontes Epigráficas da Gallaecia Meridional Interior*. Chaves: Câmara Municipal de Chaves.
- SENNA-MARTINEZ, João C.; MENDES, Carlos A.S.; LUÍS, Elsa; PEREIRA, Luís M. (2017), Catálogo 50 séculos de história de Macedo de Cavaleiros, *Cadernos Terras Quentes*, 14.
- SOUSA, Fernando de (edit.) (2019), *Bragança. Das origens à Revolução Liberal de 1820*. Bragança: Município de Bragança.
- TOYNBEE, Jocelyn M. C. (1971), *Death and Burial in the Roman World*. Ithaca, Cornell University Press.
- TRANOY, A. (1981), *La Galice Romaine. Recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*. Paris: Publications du Centre Pierre Paris 7.
- PROUSE, Tracy (2014), Burial Practices and Tombs in the Roman World. in SMITH, Claire (Ed.), *Encyclopedia of Global Archaeology*. New York, Springer Reference, pp. 1060-1069.
- WAHL-CLERICI, Regula (2020), *Roman Gold from Tresminas (Portugal), Prospection - Mining - Treatment*. Basel, LIBRUM Publishers & Editors.



Fig 1: Planta de Localização do sítio na Carta Militar dos Serviços Cartográficos do exército, I.G.E., Folha nº 64, à escala 1/25.000



Fig 2: Foto aérea do sítio arqueológico, antes da intervenção. Note-se a área de tonalidade mais clara, delimitada pelas marcas de rodado, na qual tinha sido removida quase toda a camada de terra superficial.



Fig 3: Foto em plano da concentração de material de construção que recobria a estrutura. O martelo em ferro encontrava-se inserido na camada superior, envolto em fragmentos de telha.

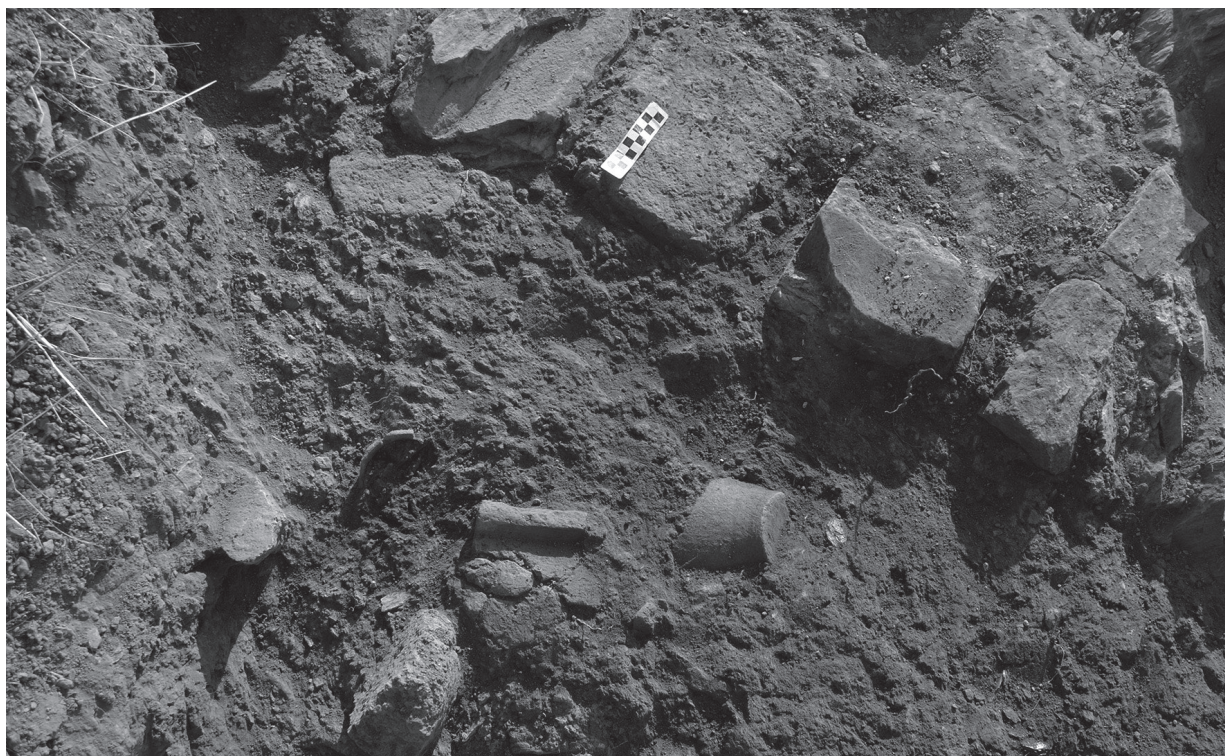


Fig 4: Contexto no qual se encontravam os fragmentos de cerâmica, notando-se o fundo de jarro e o bordo da taça em *sigillata*, à mistura com fragmentos de tegula.



Fig 5: Plano poente da sepultura, notando-se a mancha com formato circular de terra mais escura e com inclusão de carvões.



Fig 6: Foto do lado noroeste da sepultura ao nível do substrato rochoso.



Fig 7: Pormenor da lateral da sepultura, vendo-se o assentamento das pedras e ladrilho que formam o seu limite sul, e o nível de esquirolas de pedra no qual assentam.

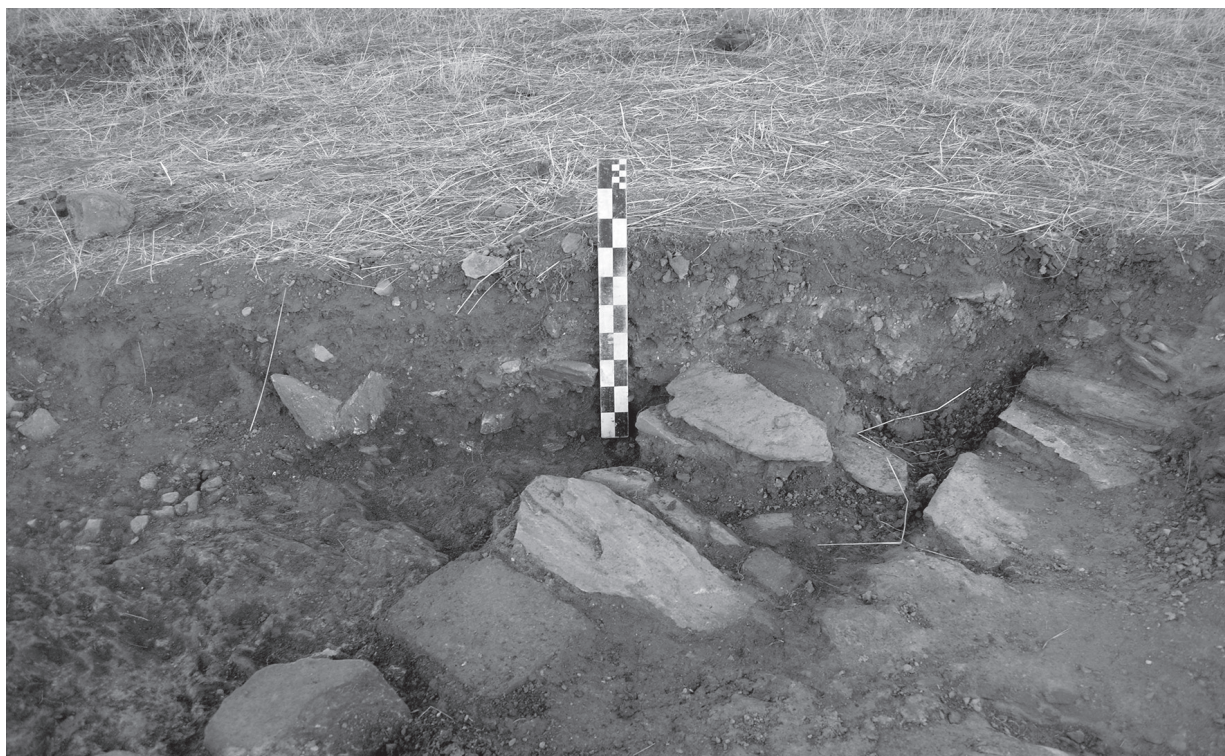


Fig 8: Figura 8 – Vista do corte estratigráfico do lado nascente, na parte média da sepultura, notando-se a concentração de terra argilosa com material de construção.



Fig 9: Extremo sudoeste da estrutura na escavação do estrato 3. Note-se a definição do seu perfil no lado poente (lado direito da foto) pela depressão escavada no afloramento.



Fig 10: Vista do afloramento rochoso no extremo noroeste, notando-se o seu afeiçoamento (assinalado por círculos) para a abertura da sepultura.



Fig 11: Vista geral da estrutura ao nível do afloramento rochoso, após o alargamento da área de intervenção.

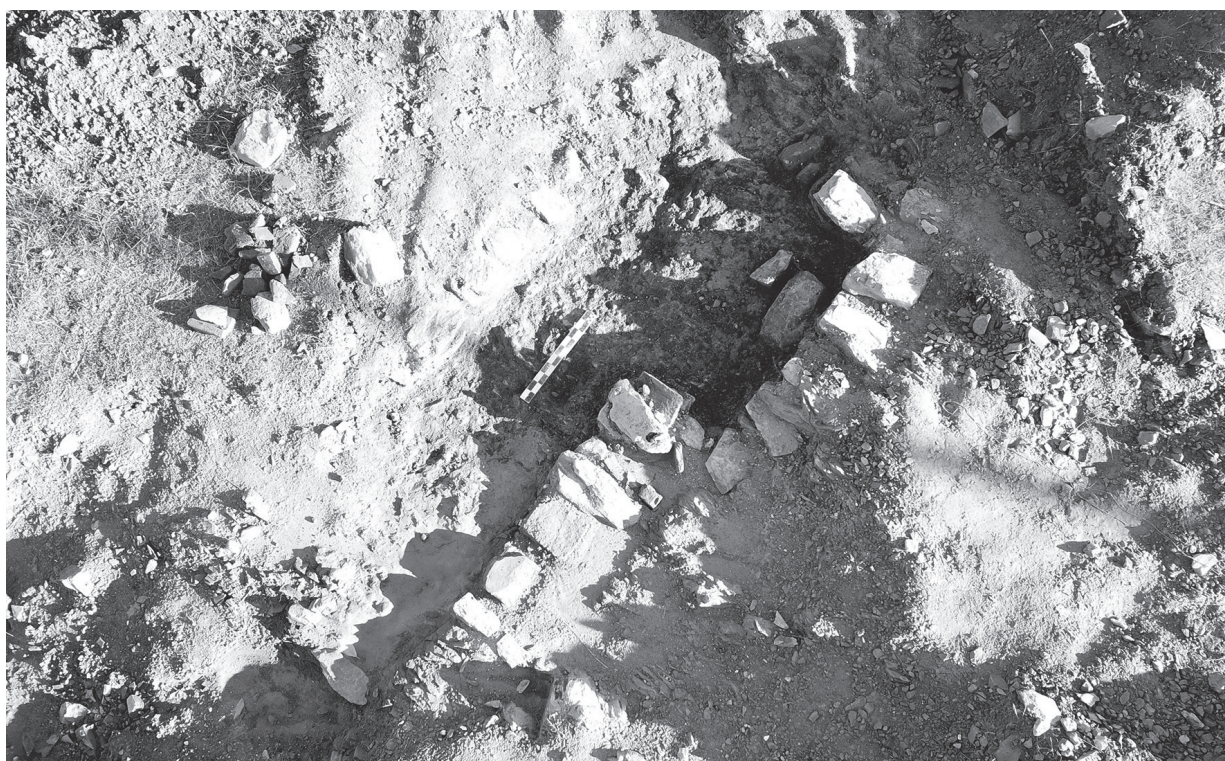


Fig 12: Vista aérea da estrutura depois de concluída a intervenção.



Fig 13: Foto de ambas as faces do martelo em ferro.



Fig 14: Foto do perfil completo da peça nº 4 (MDDS- 2019.5002) em *sigillata*, imitação da forma Hayes 73-A, Paz 86 (=Paz 6.5).

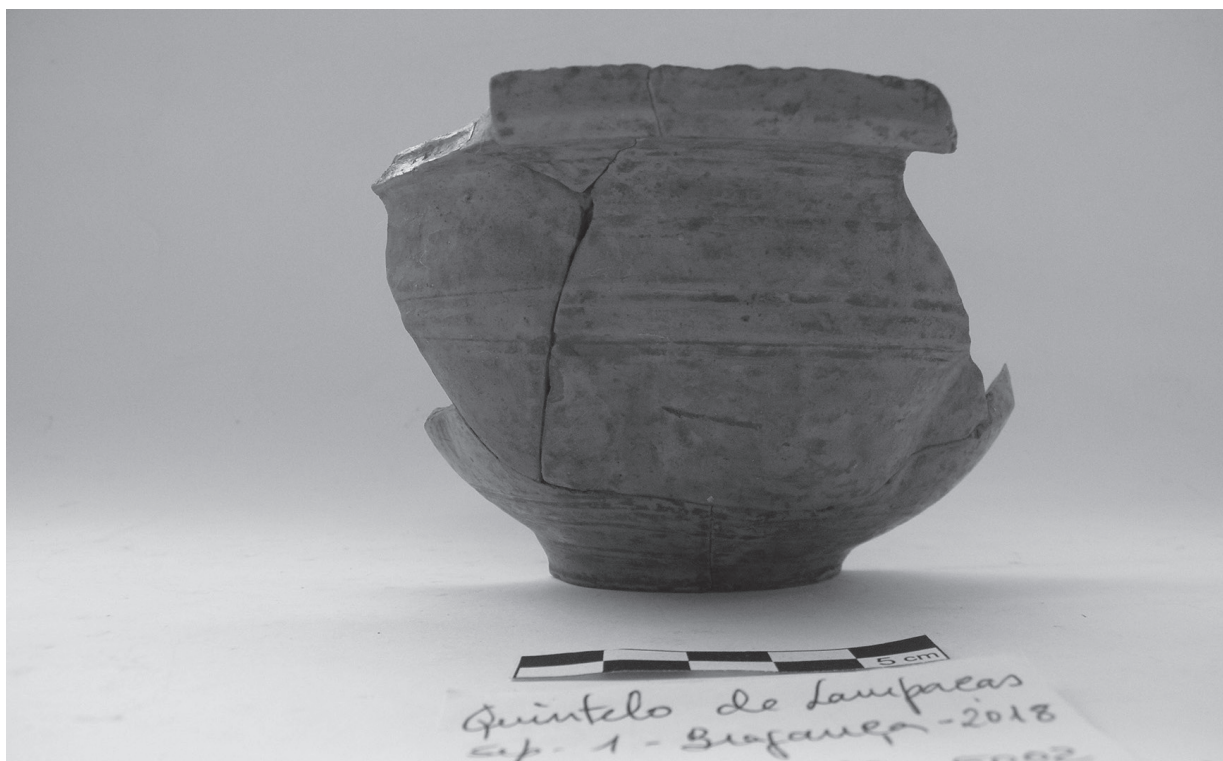


Fig 15: Foto do perfil da peça nº 1 (MDDS- 2019.5003), em *sigillata*, e que se encontra incompleta.



Fig 16: Foto de dois fragmentos de *sigillata* com motivos decorativos, nº2 e 3 (MDDS- 2019.5004); e de dois fragmentos de cerâmica comum.

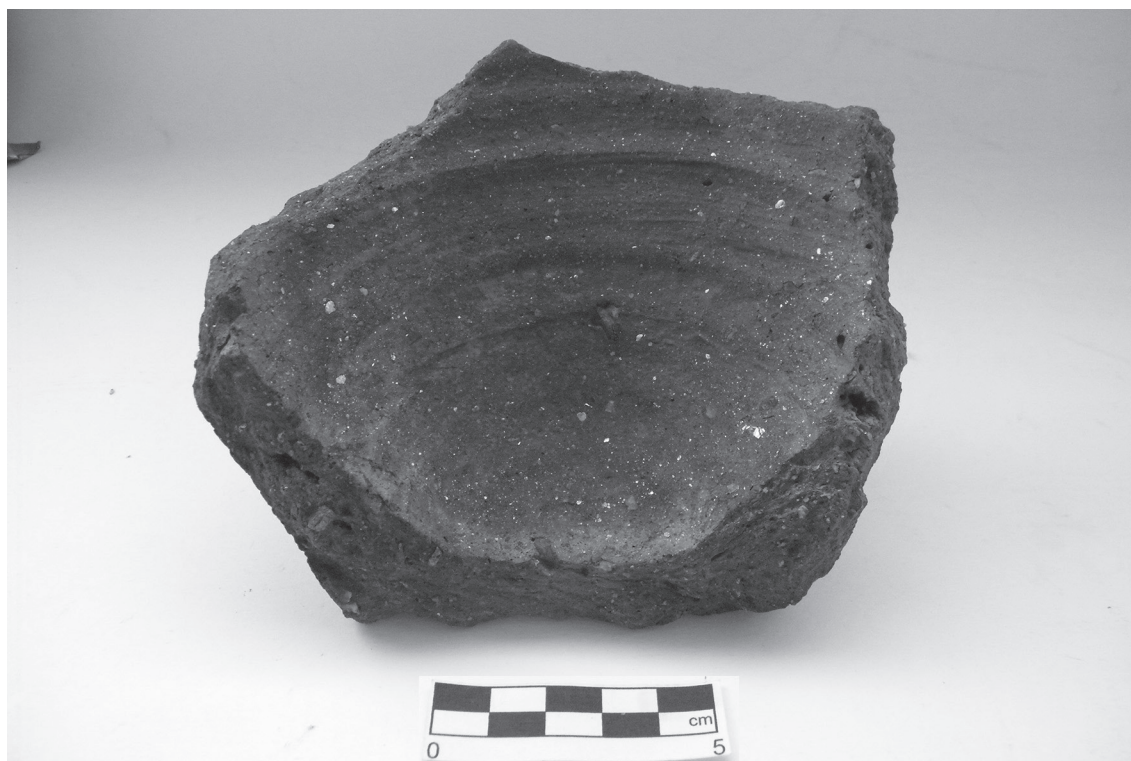


Fig 17: Foto do lado interior do fundo de vaso em cerâmica comum (MDDS- 2019.5004).

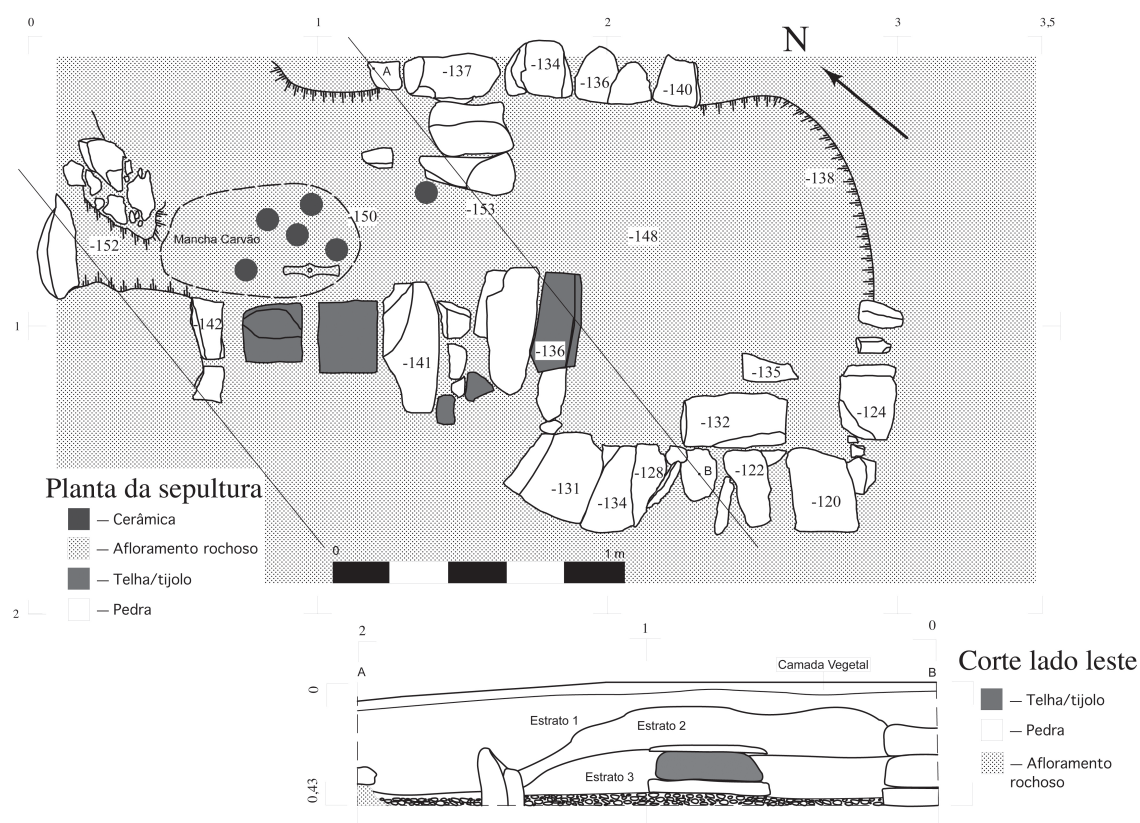


Fig 18: Plano e corte estratigráfico da sepultura.

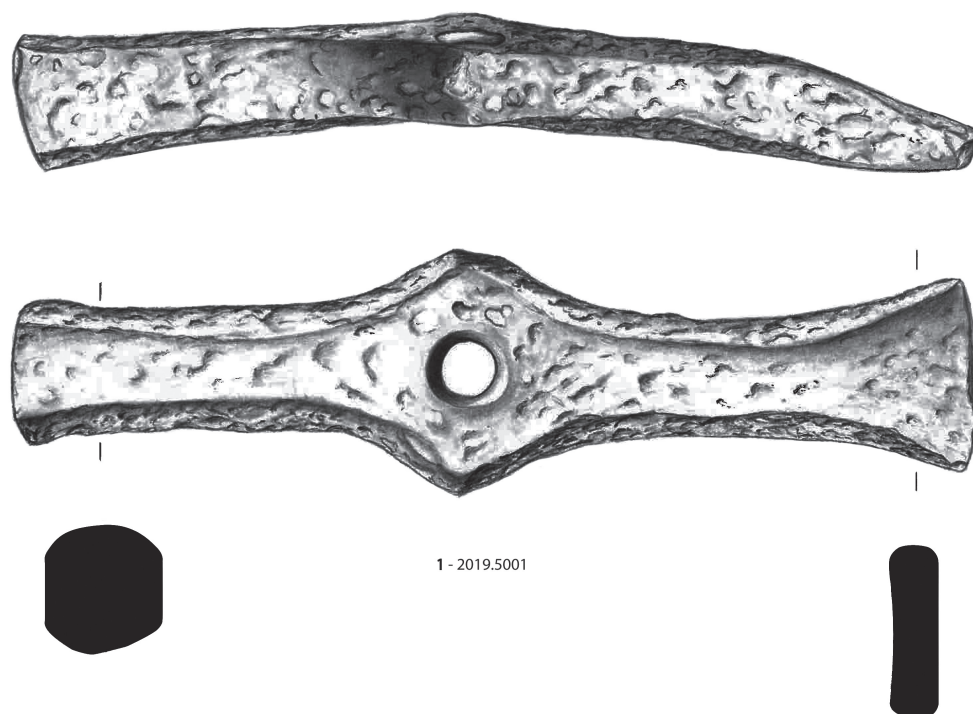


Fig 19: Desenho do martelo romano (MDDS 2019.5001).

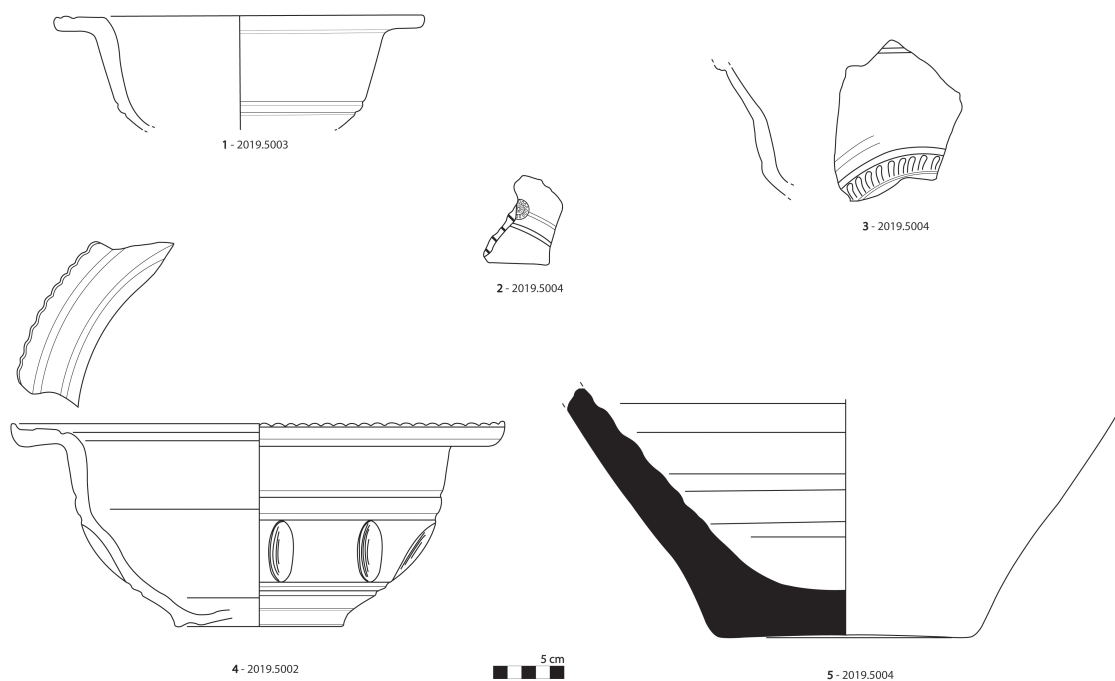


Fig 20: Desenho das formas cerâmicas referidas no texto.